



Há agroecossocialismo em Karl Marx? Contribuições à luz de Kohei Saito *Is there agroecosocialism in Karl Marx? Contributions in the light of Kohei Saito*

COUTINHO, Célio Ribeiro¹, SILVA, Antônio Valricélio Linhares², ALENCAR, Benedito Montenegro³

¹Universidade Estadual do Ceará; e-mail: celio.coutinho@uece.br

²Instituto Federal do Ceará, e-mail: valricelio.linhares@ifce.edu.br

³Universidade Estadual do Ceará, e-mail: benedito.alencar@uece.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Crise ecológica e mudança climática: resistências e impactos na agricultura, nas águas e nos bens comuns

Resumo: O objetivo dessa pesquisa, de tipo bibliográfica e fundamentada no materialismo histórico-dialético, é estudar as contribuições de Karl Marx para a construção do pensamento em agroecossocialismo com a colaboração da interpretação de Kohei Saito. O processo de valorização do capital na agricultura capitalista ocasiona perturbações no metabolismo ser humano-natureza. Podemos concluir que é plausível a existência de uma concepção de agricultura de base ecológica articulada à luta pelo socialismo. Sugerimos trazer à tona experiências concretas de agricultura, na perspectiva do metabolismo equilibrado entre seres humanos e natureza (estratégia para o enfrentamento da crise ecológica/mudanças climáticas), desenvolvidas pelos povos do campo e no âmbito dos movimentos populares.

Palavras-chave: marxismo, metabolismo socioecológico, crise ecológica.

Introdução

Este trabalho é resultado dos estudos realizados nas disciplinas de “Economia Política e Educação”, “Agroecologia, Campesinato e Educação”, “Educação do Campo e Desenvolvimento” e no Laboratório Universitário de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais, da Faculdade de Educação de Itapipoca-UECE. O somatório de tais experiências nos motivou a elaborar referido estudo e nossa inquietação de pesquisa decorre da crise de civilização e da passividade diante do avanço do capitalismo no campo, (STEDILE, 2005; LÖWY, 2013). Na busca de respostas confiáveis desenvolvemos estudo sobre a agricultura de base ecológica, à luz da relação ser humano-natureza, na perspectiva do marxismo.

A relação ser humano-natureza, com a “modernização da agricultura”, foi se modificando drasticamente, pois o campo tem enfrentado ações de expropriação, exploração, opressão e de agressão ao meio ambiente. Tais alterações no campo modificaram as “relações de produção (ser humano-natureza) e, consequentemente, as formas de produção de conhecimento.” (FERRARI *et al*, 2021, p. 254).

Neste contexto, a agroecologia é antagônica ao capital, mas está associada à educação do campo e ao projeto dos povos do campo, (FERNANDES; MOLINA,



2004). A agroecologia deve ser desenvolvida na perspectiva da totalidade e, assim, é compreendida como “um acrescentamento à emancipação humana, e a emancipação humana como determinação social da agroecologia” (GUHUR e SILVA, 2021, p. 401).

Tudo isso tem contribuído para gerar uma inquietação maior: o agravamento nas relações entre ser humano e natureza e como o pensamento de Karl Marx pode lançar luz no entendimento do problema. Esta interação metabólica é discutida na obra de Marx (2017a; 2017b) e de seu intérprete Saito (2021). Portanto, supomos que algumas “chaves” que são capazes de decifrar a crise “moderna” podem estar presentes em Marx, o que nos levou a formular a seguinte questão: quais as contribuições de Karl Marx, a partir de sua crítica à ruptura metabólica entre seres humanos e a natureza, para a construção de uma concepção de agricultura na perspectiva ecológica e socialista? Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar as contribuições de Karl Marx para a construção do pensamento em agroecossocialismo, com a colaboração da interpretação de Kohei Saito.

A importância desse estudo do ponto de vista teórico é a possibilidade de ampliação e compreensão sobre modo de produção, agroecologia e campo, mas a inovação encontra-se na perspectiva de totalidade, quando articula relações sociais e naturais na agricultura. Sua relevância reside, também, no uso imediato dos resultados para a inovação prática: enfrentamento da exploração da classe trabalhadora no campo; adoção de práticas da agricultura e da educação referenciadas no equilíbrio nas relações entre a natureza e os seres humanos; e na elaboração e implementação de políticas públicas no campo.

Metodologia

Como aporte teórico-metodológico, adotamos a concepção do materialismo histórico-dialético (RICHARDSON, 2007; CHEPTULIN, 2004). A pesquisa é do tipo bibliográfica, que segundo Minayo (1999) investiga a produção do conhecimento e analisa e interpreta o objeto de estudo de modo crítico. Essa metodologia viabilizou o aprofundamento teórico a partir de *O Capital* (MARX, 2017a, 2017b), *a Ideologia alemã* (MARX; ENGELS, 2007), os *Grundrisse* (MARX, 2011) e *O ecossocialismo de Karl Marx* (SAITO, 2021).

Resultados e Discussão

A obra de Marx certamente não deu conta da totalidade de questões postas no tempo histórico e nem previu a dimensão da crise ecológica da atualidade, “mas isso não quer dizer que sua ecologia seja inútil. É inegável que sua crítica ao capitalismo fornece uma base teórica extremamente útil para uma investigação crítica adicional da atual crise ecológica” (SAITO, 2021, p. 329).

A concepção de materialismo em Marx permite um pensamento científico articulado às questões ecológicas e, também, da agricultura, que respeite os limites da



natureza, em vez de pensar essas questões na perspectiva contrária à natureza. Essa concepção materialista de natureza de Marx, integrada ao materialismo histórico, foi plenamente alcançada na sua obra *O Capital*, sobretudo no *Livro 3*.

A estrutura de pensamento marxiano articula a concepção de história com as questões ecológicas e agrárias, em particular a estreita interação entre história da natureza (agricultura) e da sociedade. Para Marx e Engels o primeiro pressuposto de toda a história humana é a existência da própria vida humana:

O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. Naturalmente não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens nem as condições naturais, geológicas, oro-hidrográficas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história. (Marx e Engels, 2007, p. 87)

Nessa relação entre seres humanos e natureza, expressa sobretudo pelo trabalho na agricultura, Marx debateu a questão da ruptura metabólica. Tratou essa relação no âmbito da Economia Política, compreendendo esta como “a primeira forma de pensar as relações de produção, o metabolismo do homem com a natureza”, conforme Giannotti (2017, p. 60). Em Marx, a chave para explicação/compreensão dessa interação não está na unidade entre seres humanos e a natureza (no produto histórico), mas na “separação entre essas condições inorgânicas da existência humana e essa existência ativa, uma separação que só está posta por completo na relação entre trabalho assalariado e capital.” (MARX, 2011, p. 401).

A percepção materialista da história e a conexão entre as questões agrárias e ecológicas são fundamentais para compreender as transformações provocadas pelas relações capitalistas na agricultura. As forças produtivas no sistema capitalista tornaram-se forças destrutivas das condições naturais. Essas relações capitalistas na agricultura expropriam a terra dos camponeses, exploram a classe trabalhadora e degradam os solos. Esses elementos são agravados com o processo de industrialização, que atinge também o campo. É no setor da agricultura que a poderosa indústria se expressa de forma mais intensa “ao liquidar o baluarte da velha sociedade, o ‘camponês’, substituindo-o pelo trabalhador assalariado.” (MARX, 2017a, p. 572). Dessa forma, o progresso da agricultura capitalista

[...] é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade. Quanto mais um país [...] tem na grande indústria o ponto de partida de seu desenvolvimento, tanto mais rápido se mostra esse processo de destruição. Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador. (MARX, 2017a, p. 573-574).



Marx percebe, a partir da centralidade da categoria trabalho, claramente o processo de alienação do trabalho diante do processo de valorização do capital, mas na sua compreensão a alienação do trabalho humano está articulada à alienação da natureza. Na análise de Marx, o processo de valorização do capital gera relações sociais de exploração entre seres humanos no ato da produção material e do mesmo modo que relações entre os seres humanos e a natureza geram agressão ao patrimônio natural, o que ocasiona perturbações na interação ser humana-natureza.

Ele [Marx] mostra que o valor como mediador do metabolismo transistórico entre o homem e a natureza não pode gerar as condições materiais para uma produção sustentável. Em vez disso, causa rupturas no processo de produção material. Quando o valor se torna o sujeito dominante da produção social como capital, ele apenas fortalece as perturbações e rupturas desse metabolismo, de modo que tanto a humanidade quanto a natureza sofrem com as várias desarmonias. Isso inclui excesso de trabalho, bem como doenças físicas e mentais e deformações, em relação aos seres humanos; e desertificação, devastação dos recursos naturais e extinção de espécies, em relação à natureza (SAITO, 2021, p. 320).

A leitura de Saito (2021), sobre a obra de Marx, revela que o autor de *O Capital* “sempre atribuiu um papel central em sua crítica à sociedade moderna ao problema da ‘separação’ dos humanos em relação à terra” (SAITO, 2021, p. 321). Saito ressalta que nessa análise sobre a produção material capitalista, Marx apresenta a “deformação histórica da relação entre humanos e natureza na sociedade capitalista moderna, que se baseia na alienação da natureza” (SAITO, 2021, p. 321). Ou seja, explica a inter-relação dinâmica entre natureza e sociedade na produção capitalista “como organização histórica desse metabolismo transistórico e a resultante desestabilização de nossos ecossistemas.” (SAITO, 2021, p. 322). Essas investigações levaram Marx a perceber que a *ruptura metabólica* era o problema mais grave do capitalismo.

Marx coloca o debate do metabolismo natural e social no centro da questão do modo de produção, pois considera que o metabolismo equilibrado entre seres humanos e natureza passa pela superação do capitalismo, pois a produção, em particular a agricultura capitalista, ocorre sob as condições de destruição da força de trabalho e da natureza. Para Marx (2009) a superação da propriedade privada dos meios de produção (e de suas relações sociais de produção) é uma condição necessária para a humanização e o equilíbrio natural nas relações.

O comunismo na condição de supra-sunção (*Aufhebung*) positiva da propriedade privada, enquanto *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*) humano, e por isso enquanto *apropriação* efetiva da essência humana pelo e para o homem. [...] Este comunismo é, enquanto naturalismo consumado = humanismo, e enquanto humanismo consumado = naturalismo. Ele é a verdadeira dissolução (*Auflösung*) do antagonismo do homem com a natureza e com o homem; a verdadeira resolução (*Auflösung*) do conflito entre existência e essência, entre objetivação e auto-confirmação (*Selbstbestätigung*), entre liberdade e necessidade (*Notwendigkeit*), entre



indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e se sabe como essa solução. (Marx, 2009, p. 105. Grifo do autor)

A crítica ecológica de Marx parte da crítica à Economia Política Clássica, quando por meio de sua teoria do valor desoculta as contradições inerentes ao sistema capitalista, que inclui a alienação do trabalho e a alienação da natureza. Compreende-se, assim, a existência de alienação nos processos da agricultura em sua totalidade (natureza-trabalho humano). A visão de socialismo em Marx “inclui claramente um projeto para reabilitar o metabolismo social e natural que foi seriamente distorcido no capitalismo.” (SAITO, 2021, p. 319-320). A relação entre seres humanos e natureza é central em Marx, sobretudo em sua obra tardia.

Entretanto, há críticas à posição exposta neste trabalho. Para Ribeiro (2011) é uma ingenuidade associar à Marx um conceito de sustentabilidade ecológica amplo, Veiga (2023) considera exagero afirmar que já estaria presente na obra de Marx uma ecologia e Mercatante (2023) questiona o “novo Marx” de Saito, mas avalia a obra do estudioso japonês estimulante e importante para o debate ecosocialista atual.

Conclusões

O processo de valorização do capital na agricultura capitalista, que gera alienação do trabalho, articulada à alienação da natureza, ocasiona perturbações no metabolismo ser humano-natureza. O estudo revelou a atualidade e a relevância da crítica de Marx ao capitalismo para a compreensão, explicação e superação da atual crise ecológica.

Podemos concluir que, no contexto da obra de Karl Marx e sustentado na interpretação de Kohei Saito, é plausível a existência de uma concepção de agricultura de base ecológica articulada à luta pelo socialismo e que essa concepção marxiana e marxista de agroecossocialismo se desenvolve a partir do metabolismo ser humano-natureza.

Para além das teorizações realizadas, sugerimos trazer à tona experiências concretas de agricultura, na perspectiva do metabolismo equilibrado entre seres humanos e natureza (estratégia para o enfrentamento da crise ecológica/mudanças climáticas), desenvolvidas pelos povos do campo e no âmbito dos movimentos populares, e motivar novas iniciativas de agricultura referenciadas nesses princípios.

Referências bibliográficas

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. Tradução de L. R. C. Ferraz. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos



Azevedo de. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo.** nº 5. Brasília: Articulação Nacional, 2004, p. 53-89.

FERRARI, Eugênio Alvarenga.; SILVA, Nívia Regina; SILVA; Márcio Gomes da. "Conhecimento Agroecológico". In: DIAS, Alexandre Pessoa, et al. **Dicionário de Agroecologia e Educação.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 253-259.

GIANNOTTI, José Arthur. Considerações sobre o método. In: MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 60.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia Regina da. "Epistemologia da agroecologia". In: DIAS, Alexandre Pessoa, et al. **Dicionário de Agroecologia e Educação.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 394-403.

LÖWY, Michael. **Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista.** Caderno CRH, Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, Jan./Abr. 2013.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro 3: o processo global da produção capitalista.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846).** São Paulo: Boitempo, 2007.

MERCATANTE, Esteban. Kohei Saito e a crítica ecológica de Karl Marx. **Esquerda Diário,** 2023. Disponível: <https://www.esquerdadiario.com.br>. Acesso: 02 set. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RIBEIRO, Guilherme da S. Marx ecológico? uma crítica. **Ambiente & Sociedade.** Campinas v. XIV, n. 1, p. 245-248, jan.-jun. 2011. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso: 02 set. 2023.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2007.



SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

VEIGA, José Eli da. **O antropoceno e as humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.